

PATRIMÔNIO 2

Resistências de um bairro em quadrinhos

Luiz Rogério Rodrigues

João Agreli (org.)



EDUFU



Patrimônio 2
Resistências de um bairro em quadrinhos

Luiz Rogério Rodrigues
João Agreli
Organizadores

Patrimônio 2

**Resistências de um bairro
em quadrinhos**

INCENTIVO



PMIC
PROGRAMA MUNICIPAL DE
INCENTIVO À CULTURA





Reitor
Carlos Henrique de Carvalho

Vice-reitora
Catarina Machado Azeredo



Diretor
Sertório de Amorim e Silva Neto

Conselho Editorial
Alexandre Guimarães Tadeu de Soares
Amon Santos Pinho
Arlindo José de Souza Junior
Carla Nunes Vieira Tavares
Raquel Discini de Campos
Solange Cristina Augusto

Direção Artística / Capa
João Agreli

Imagem da capa
Rafael Leôncio Viana

Direção de Criação / Audiodescrição
Luiz Rogério Rodrigues

Revisão
Rosângela Dantas de Oliveira

Coordenação Editorial / Diagramação
Eduardo Moraes Warpechowski

Consultoria historiográfica
Florisvaldo Paulo Roberto Júnior

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

P314r Patrimônio 2 [recurso eletrônico] : resistências de um bairro em quadrinhos / Luiz Rogério Rodrigues, João Agreli (Organizadores). Uberlândia : Edufu, 2026.
105 p.: il.

ISBN: 978-85-64554-93-1 (livro impresso)
ISBN: 978-85-64554-80-1 (livro digital)
DOI: <http://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-64554-80-1>
Livro digital (e-book).

1. Histórias em quadrinhos. 2. Bairro Patrimônio – História. I. Rodrigues, Luiz Rogério, (Org.). II. Agreli, João, (Org.). III. Título.

CDU: 741.5

Bruna dos Santos Pinheiro
Bibliotecário-Documentalista – CRB-6/3805

Editora da Universidade Federal de Uberlândia – Edufu
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1S, Campus Santa Mônica
CEP 38400-902 | Uberlândia | MG
Tel.: + 55 (34) 3239-4293
www.edufu.ufu.br | edufu@ufu.br



Dedicamos esse livro ao povo dos pés vermelhos, moradores do Patrimônio da Abadia, comunidade com tantos adjetivos e que resiste a todas as formas de pressão e repressão, cuja riqueza histórica tanto nos inspira.

Agradecemos a todas as pessoas que caminharam conosco com acolhimento e orientações importantes no decorrer de nossa jornada de pesquisa (Luiz Rogério, mestrado) que resulta nesta segunda edição do Patrimônio: Adelino José de Carvalho Dias, orientador, Selva Guimarães, Florisvaldo Ribeiro, Edufu, FAU – Fundação de Apoio Universitário e Secretaria Municipal de Cultura. Agradecemos também os artistas que deram vida ao livro criando e ilustrando histórias tão interessantes: Fabi Moraes, Getúlio Ribeiro, João Aires, Lucas Esteves, Matheus Freitas e Rafael Viana e por fim à Universidade Federal de Uberlândia e nossas famílias pelo apoio de sempre.

Luiz Rogério Rodrigues
João Agreli

Audiodescrição





Sumário

8	Prefácio
	<i>Adelino José de Carvalho Dias</i>
10	Introdução
	<i>Luiz Rogério Rodrigues e João Agreli</i>
12	Sangue e fumaça: as bandeiras e a verdade oculta
	<i>Matheus Freitas</i>
28	Uma melodia que transcende gerações
	<i>Fabi Moraes</i>
42	A última lua do bairro
	<i>Getúlio Ribeiro e João Aires</i>
66	Gentrificação
	<i>Lucas Esteves Leandro</i>
82	Apagamento histórico
	<i>Rafael Leôncio Viana</i>
100	Autores
102	Referências

Prefácio

Boa parte da expectativa pelo lançamento de *Patrimônio 2: resistências de um bairro em quadrinhos* se deve à recepção do volume anterior publicado no ano passado pelos mesmos organizadores. *Patrimônio: histórias de um bairro em quadrinhos* teve (e continua tendo) feliz repercussão em Uberlândia e, dentre outros méritos, destacam-se a diversidade do público leitor alcançada pela obra e a acolhida significativa que teve pela comunidade escolar da cidade. *Patrimônio 2*, como é comum entre os filhos mais novos, geralmente até mais criativos que o primogênito, deve receber a mesma atenção ou até mais.

Como era de se esperar, as narrativas presentes neste volume dialogam com temas da publicação anterior, valorizando-as novamente, como a permanência/renovação das práticas culturais que identificam o bairro, representadas pela Folia de Reis, Congada e pelo Carnaval. Com uma história de lobisomem que faz jus ao realismo fantástico marcante na literatura latino-americana, o livro até retoma a presença do sobrenatural tão comum nas narrativas orais país afora.

Em certa medida, no entanto, este novo volume amplia o alcance da primeira publicação, pois contempla registros históricos sobre a ocupação de povos indígenas na região e a violência das empreitadas bandeirantes sobre estas terras, avançando ainda em densidade ao incorporar com olhar crítico a política de terra arrasada que a especulação imobiliária causou e muito tem por causar no entorno, impactando em domínio de território e em subjugação de corpos daqueles e daquelas que permanecem reexistindo no bairro.

Em tempos em que os quadrinhos já têm maior aceitação em equipamentos culturais estabelecidos, com legitimação reconhecida nos espaços escolares e não escolares dada a força e a atração que as narrativas gráficas alcançaram, só resta saudar o lançamento de *Patrimônio 2* e acompanhar a sua caminhada em direção ao encontro de públicos os mais diversos, sem desmerecer a condição que a obra assume para a discussão especializada das questões étnico-raciais e a promoção local de políticas públicas educacionais sob uma perspectiva antirracista e, por extensão, mais democrática.

Acessível a todos e todas, lúdico ao leitor e leitora de qualquer idade, com edição cuidadosa ao disponibilizar audiodescrição, *Patrimônio 2* talvez encante

mais aquele que possui alguma (ou muitas) vivência na região, de modo que as ilustrações e os breves textos introdutórios que acompanham cada história trarão lembranças que serão (re)vividas no ir e vir de reconstrução contínua da memória, mesmo que um tanto delas ficcionais, fazendo circular os afetos que uniram uns e outros para festejar ou resistir (ou resistir ao festejar) pelas ruas do bairro. Olhe o caminhão do Seu Miltin aí, gente! É mudança, quizomba ou velório?

Para o público em geral, no entanto, a obra possui especial relevância ao convidar o leitor a saber um pouco mais das relações cotidianas estabelecidas no bairro Patrimônio desde a sua origem até os dias atuais, chamando à reflexão sobre os muitos interesses que envolvem a ocupação do espaço urbano local e que definem, por exemplo, a festejada verticalização da chamada Zona Sul da cidade e a opção pelo modo horrendo Águas Claras/DF de viver.

Se o jornalista e escritor Xico Sá fosse convidado para escrever o prefácio de *Patrimônio 2: resistências de um bairro em quadrinhos*, certamente diria que cada loja gourmet que surge na região ou empreendimento imobiliário que sobe as suas torres não deixa de ser uma tentativa de queima de arquivo... “A pior das queimas. A queima sentimental, sinistro afetivo, o apagão da memória dos homens de boa vontade.” Por isso que ler, ver, falar com os amigos e levar o livro para escola também pode ser uma forma de jogar um balde de água neste incêndio.

Adelino José de Carvalho Dias

Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação/UNIUBE

Audiodescrição



Introdução

Este é o segundo livro de história em quadrinhos que tem como base o bairro Patrimônio, pertencente à cidade de Uberlândia, em Minas Gerais. Tal qual o primeiro livro, é composto por cinco narrativas imaginadas a partir de dados históricos.

Para este segundo volume, avançamos na compreensão da importância do bairro na formação cultural da cidade e dos aspectos históricos que repercutem nos dias atuais. A primeira história, de autoria de Matheus Freitas, conta sobre a perseguição dos bandeirantes aos indígenas que viviam na região, ocorrida no século XVI. A segunda história quem conta é a quadrinista Fabiana de Assis Cintra Moraes, que a partir da conversa entre uma criança e seu pai, mostra a diversidade de manifestações culturais presentes no bairro. A terceira, parceria entre o roteirista Getúlio Ribeiro e o quadrinista João Pedro Aires Silva, traz um “causo” sobre uma família de lobisomens que viviam no bairro. A quarta história é contada por Lucas Esteves Leandro e nos mostra, a partir de uma situação fictícia sobre uma senhora e suas plantinhas, o processo de gentrificação presente no bairro. A quinta e última história, criada por Rafael Viana, narra a resistência de uma família em permanecer no bairro mantendo os laços com sua vizinhança.

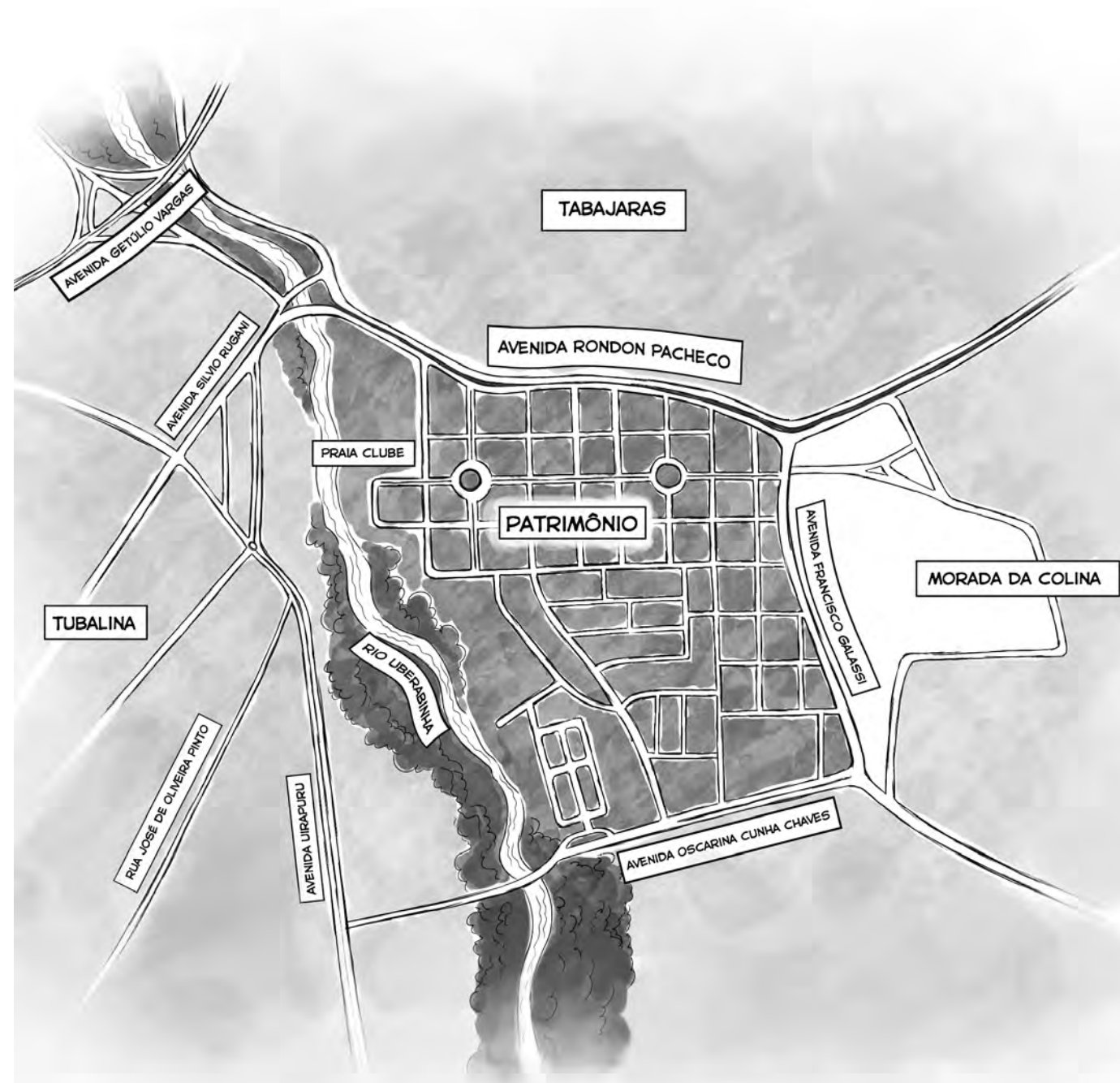
Neste volume buscamos traçar um paralelo entre a primeira história, que acontece em um passado longínquo e fala sobre a violência sofrida pelos indígenas, perseguidos e expulsos de suas terras pelos bandeirantes, com a violência sofrida agora pelas famílias que moram no bairro desde sua origem, por parte do poder capitalista do dinheiro que compra suas casas e os expulsa para bairros periféricos da cidade. Também quisemos abordar, no meio desse embate, a diversidade cultural que permanece no bairro como forma de resistência.

Esperamos que com essas interpretações de autores em diversas perspectivas possam apreciar a história e compreender a riqueza que é o Patrimônio para a cidade de Uberlândia, o estado de Minas Gerais e de nosso Brasil.

Audiodescrição



Luiz Rogério Rodrigues
João Agreli



Sangue e fumaça: as bandeiras e a verdade oculta

Matheus Freitas

Esta história em quadrinhos começa abrindo uma caixa proibida: a das origens violentas do Brasil. Seu primeiro capítulo narra sobre a triste saga de destruição que moldou o mapa e o destino de incontáveis vidas inocentes a partir das expedições das Bandeiras, um empreendimento sistemático de conquista, escravização e extermínio, cuja memória permanece silenciada pela história oficial. Enquanto o Estado frequentemente omite esse capítulo sombrio, escolhemos aqui iluminar essas páginas ocultas, que avançam por séculos, assim como a luta pela sobrevivência — terras que, não por acaso, formariam os latifúndios do futuro.

A trama remonta a uma reviravolta geopolítica do século XVI: a União Ibérica (1580-1640) que facilitou o avanço dos Bandeirantes sobre territórios antes protegidos pelo Tratado de Tordesilhas. Movidos pela escassez da Capitania de São Vicente, esses sertanistas paulistas invadiam aldeias, capturavam indígenas e os transformavam em escravos.

Armados e financiados pela própria Administração Colonial, esses homens impiedosos, diversificaram seus objetivos com o tempo: da caça aos indígenas à busca por metais preciosos, da destruição de quilombos e tribos rebeldes (sertanismo de contrato) à expansão da pecuária (ciclo do Tropeirismo). O legado bandeirante inclui cidades como Santana de Parnaíba, Itu e Sorocaba, mas também, e sobretudo, um rastro de tribos dizimadas, famílias desfeitas e dor agonizante que ecoa até os dias de hoje.

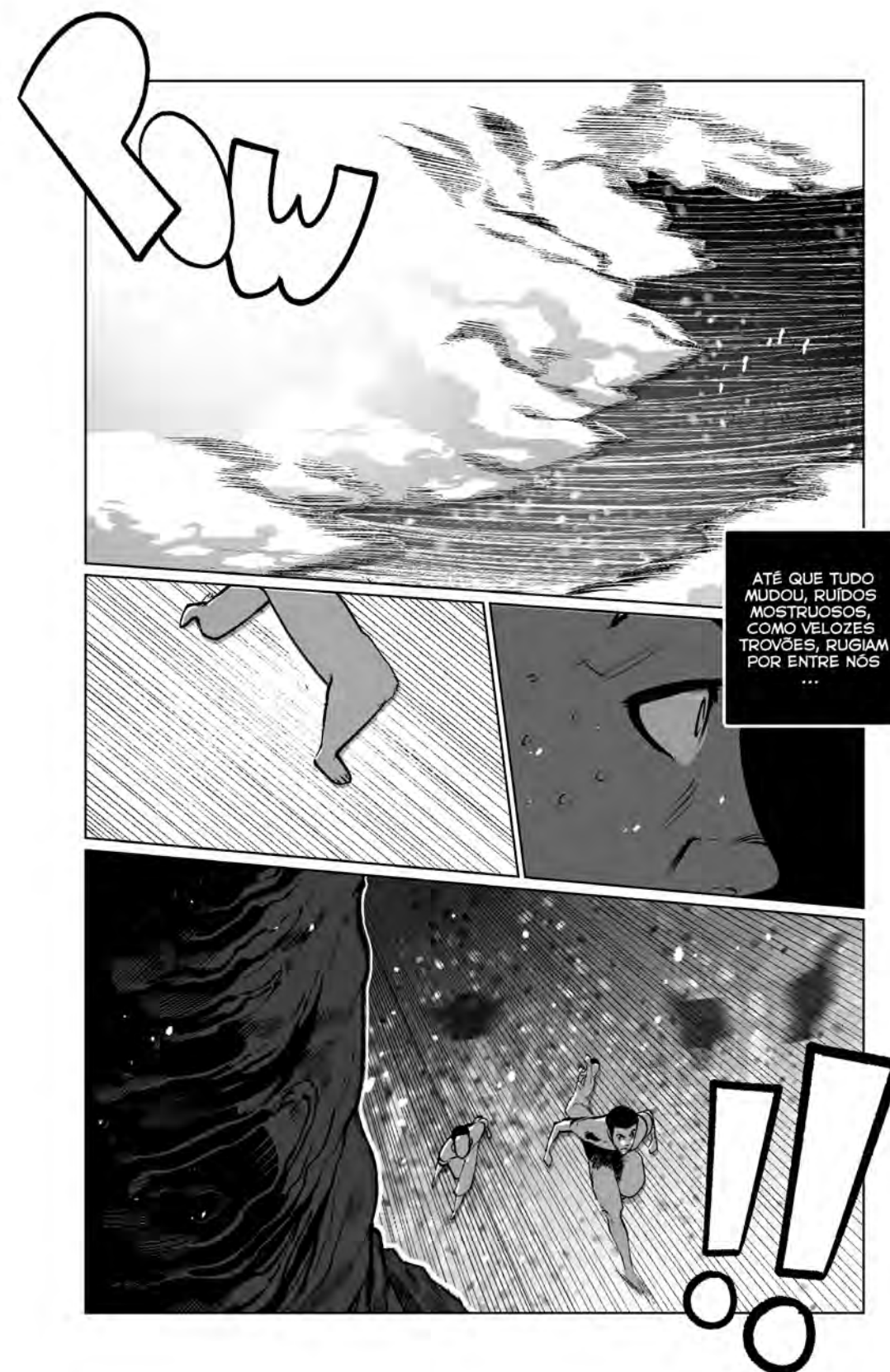
É por esse caminho de sangue e fumaça que nossas ilustrações irão conduzi-lo. Este capítulo propõe uma viagem artística contrastando com a narrativa heroica dos livros escolares, na esperança de que tais violências nunca mais se repitam.

A aventura e a reflexão começam agora.

Audiodescrição

















Saiba mais



Uma melodia que transcende gerações

Fabi Moraes

No bairro Patrimônio, práticas culturais sempre foram parte vital da dinâmica social, com destaque para três manifestações: a Congada, a Folia de Reis e o Carnaval. A presença majoritária da população negra exerceu forte influência na formação religiosa local, com todas essas tradições vinculadas a um processo contínuo de resistência cultural e espiritual.

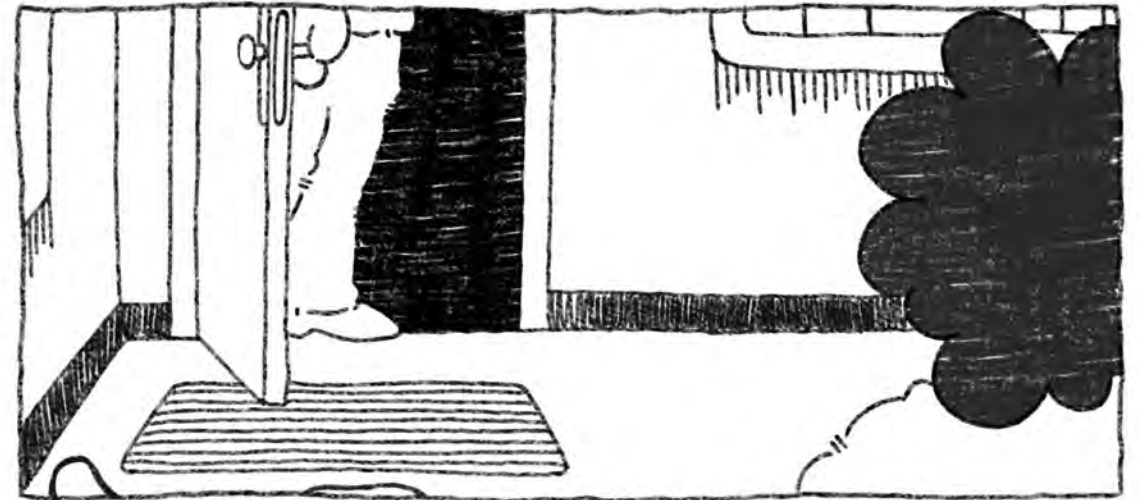
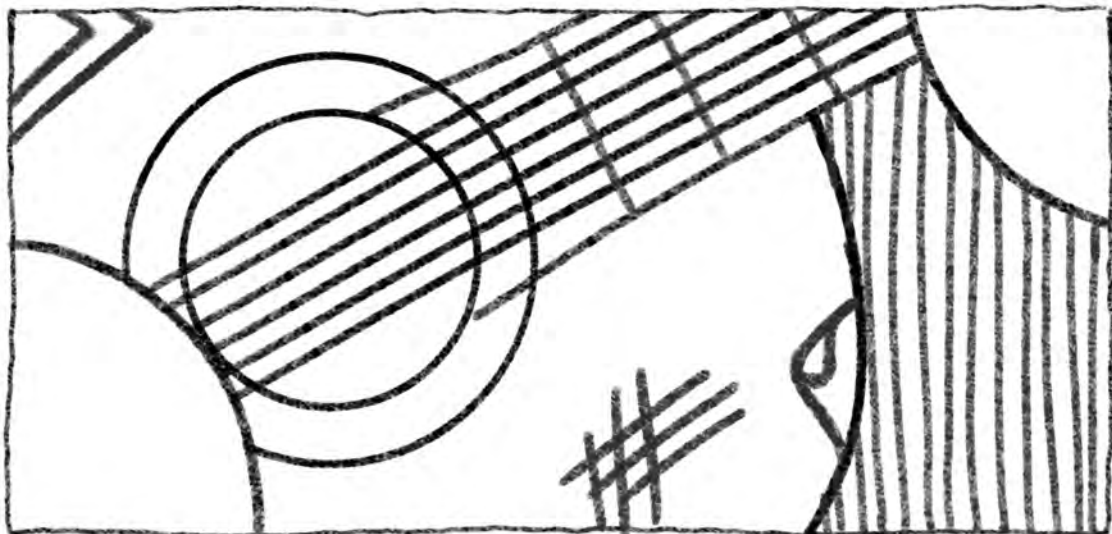
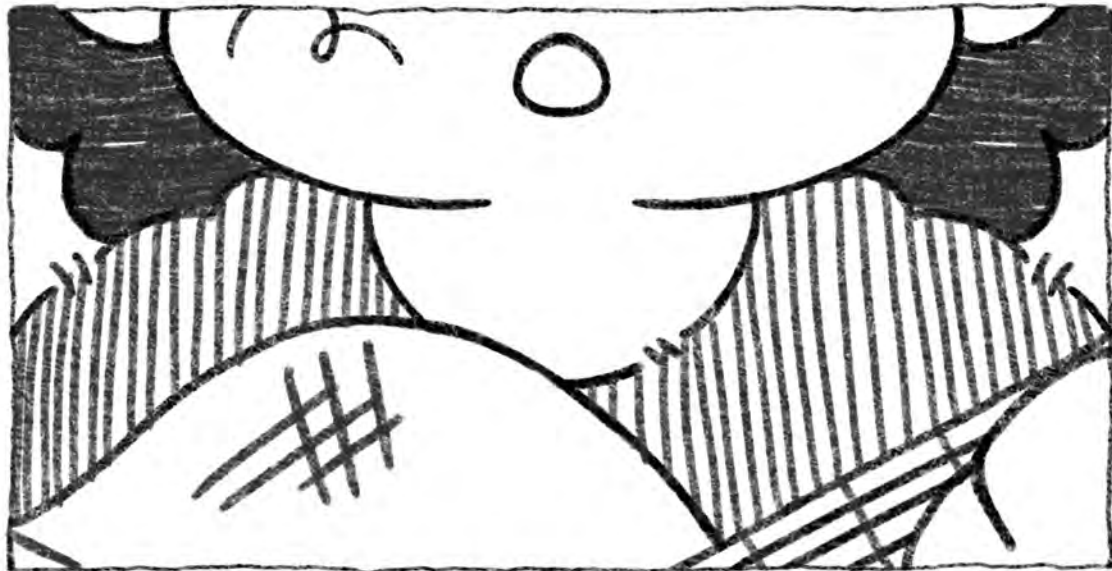
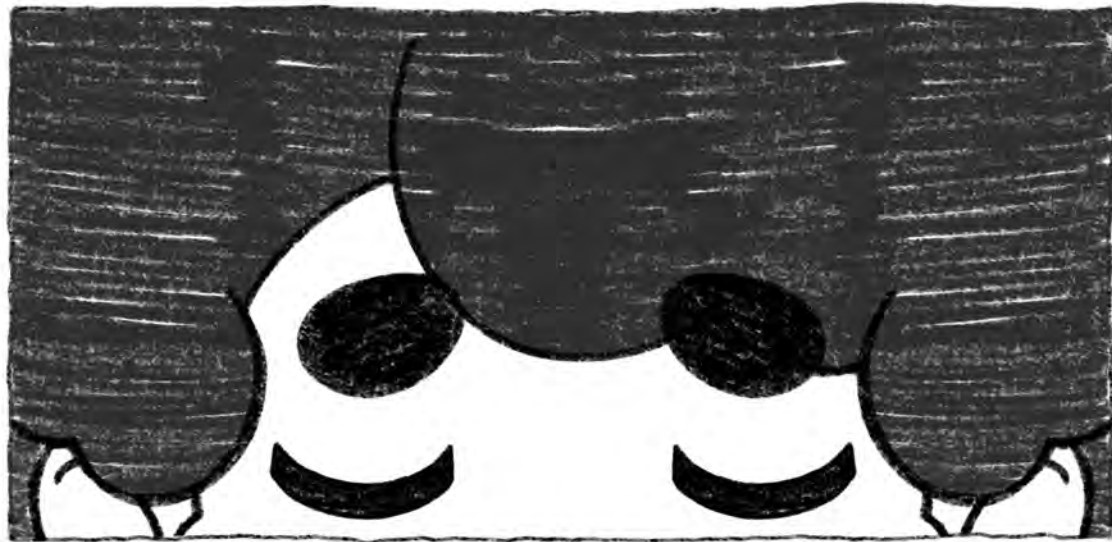
No campo das artes, a música é um elemento marcante dessas tradições. Na memória afetiva dos moradores mais antigos, permanecem vivas as imagens dos ternos de Congada e das Folias de Reis que percorriam as ruas do bairro, convidando todos a se unirem aos cortejos, embalados por dança e música. No centro do bairro, na esquina da Rua Tenente Rafael Freitas com a Rua Leblon, havia um ponto de encontro onde eram organizados eventos abertos à população, com grande animação, como as Quizombas (shows de samba e pagode), a concentração dos ternos de Congada, de onde saíam para o grande desfile nas avenidas do centro da cidade e os ensaios da escola de samba local, a Tabajara. Essas festas marcaram uma época de intensa produção artística, atraindo pessoas de todas as regiões da cidade e de todas as classes sociais.

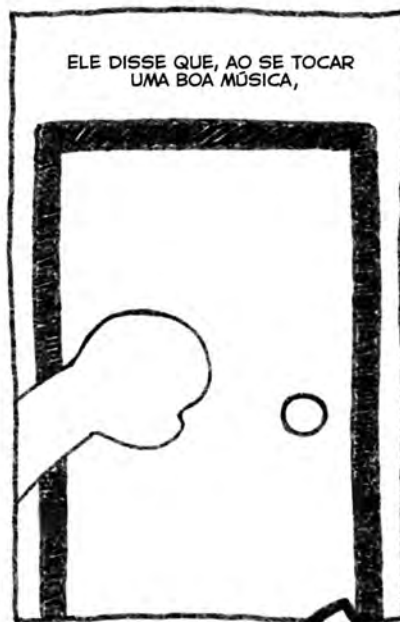
Atualmente, tais eventos já não ocorrem no bairro, devido a restrições urbanas relacionadas ao silêncio. A Congada agora se reúne nas casas dos capitães de seus ternos, muitos deles sediados em outros bairros. A Quizomba foi extinta, e os ensaios carnavalescos migraram para um espaço privado, chamado Terreirão do Samba, um dos poucos locais culturais remanescentes que resistem às pressões do mercado imobiliário.

O Patrimônio sempre foi um terreno fértil no campo cultural. Protagonistas daquela época, como Arlindo de Oliveira, mestre Lotinho, e João Rodrigues, mestre Bolinho, tornaram-se celebridades na cena musical boêmia da cidade e ganharam notoriedade por terem sido os primeiros cantores negros a se apresentar no palco do Uberlândia Clube na década de 1950, um espaço até então de uso exclusivo da elite branca uberlandense.

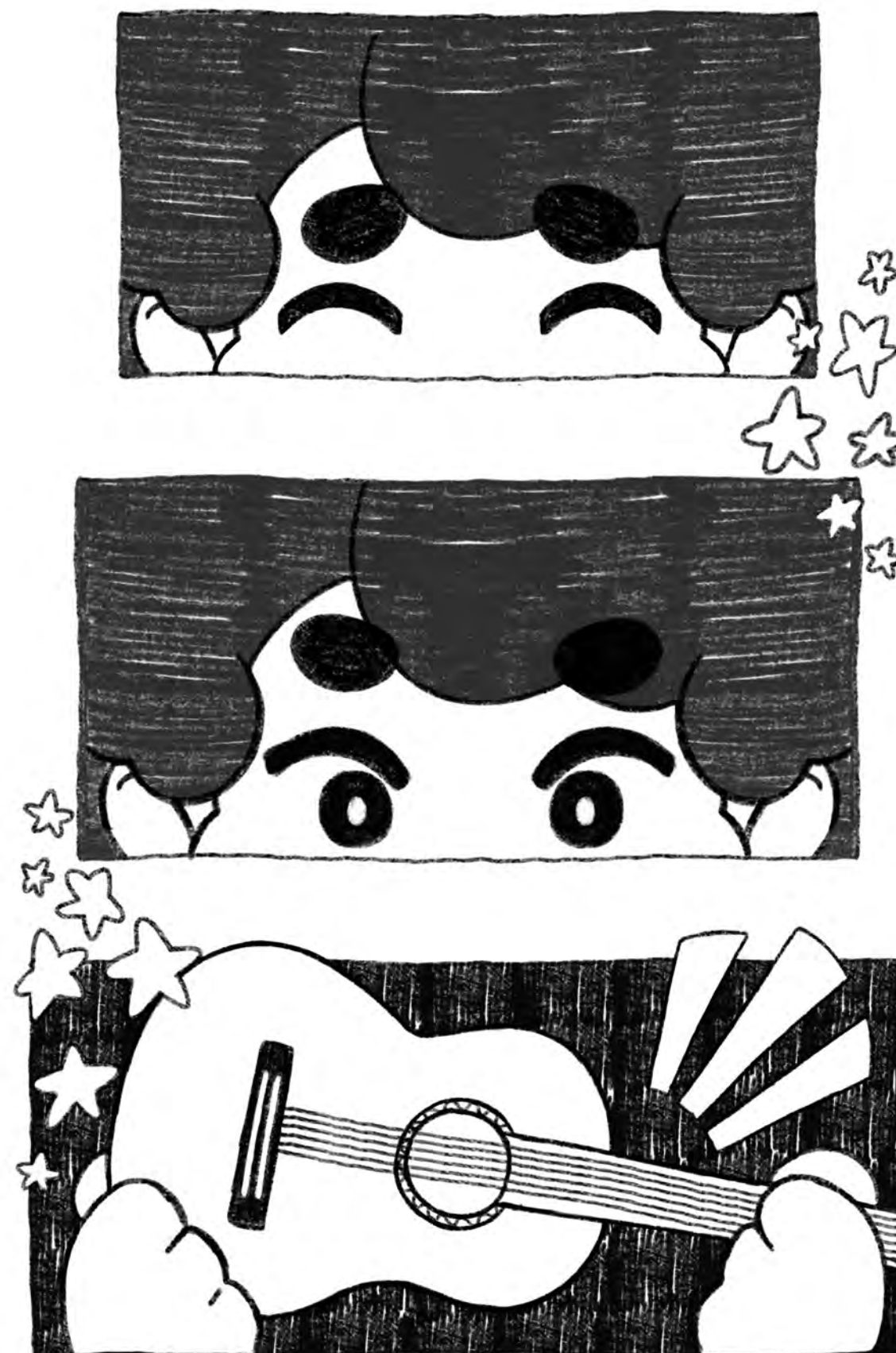
Audiodescrição















Saiba mais



A última lua no bairro

Getúlio Ribeiro e João Pedro

Por onde andará o lobisomem do bairro Patrimônio? Em meio à imensa variedade de narrativas que perpassam a memória e a tradição oral do bairro, os “causos” de assombrações merecem especial atenção.

Fantasmas de figuras passadas, almas noturnas perdidas e, dentre as mais recorrentes, os lobisomens. Assim mesmo, no plural, pois além de diferentes personagens da história do bairro associados a esses seres (o Gusto, o Du), há relatos de aparições de criaturas assustadoras diversas, ora abertamente designadas como lobisomens, ora assumindo outras facetas, como o “cachorrão” da ponte do Matadouro ou a “coisa” que agredia os cães de rua em noites de Quaresma.

Esses relatos e narrativas preservam-se hoje nas memórias de remanescentes das comunidades que, em seu tempo, as vivenciaram e alimentaram, como João Rodrigues (Mestre Bolinho), Gilberto Maciel, Luís Henrique dos Santos e Roberto Maciel (Neneco).

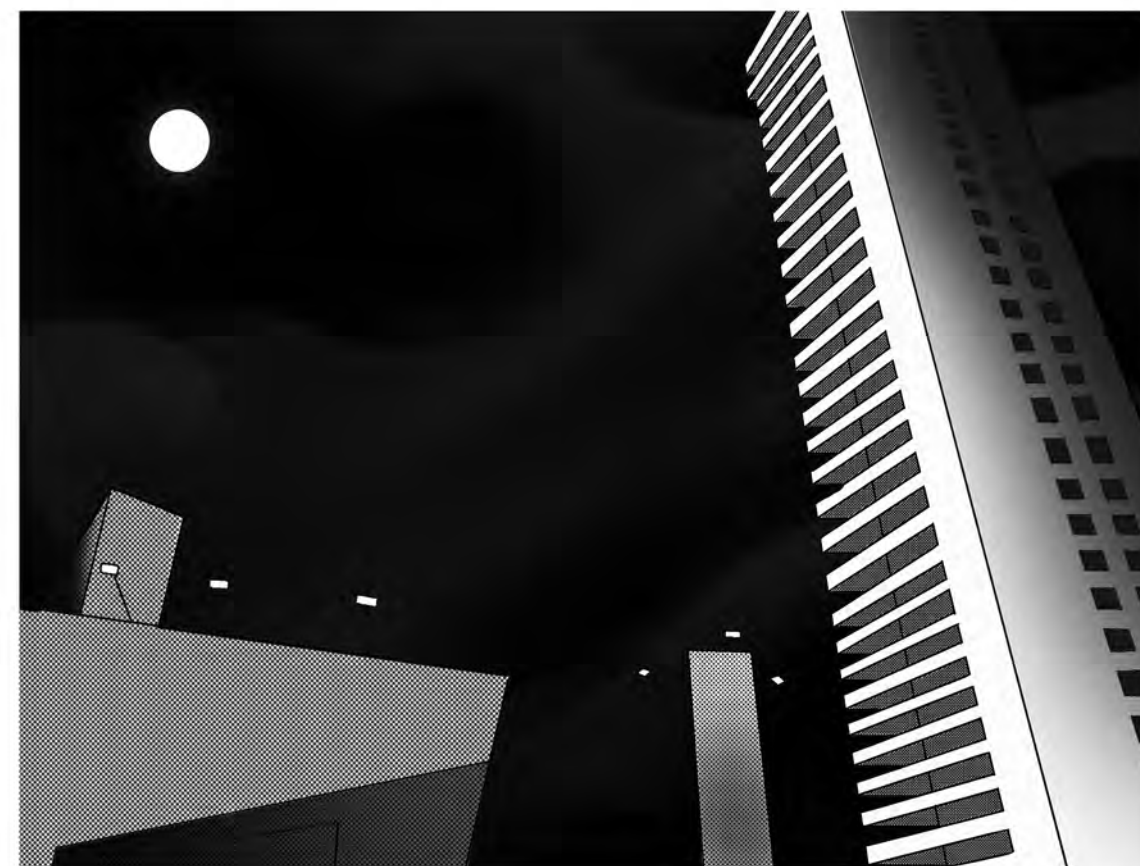
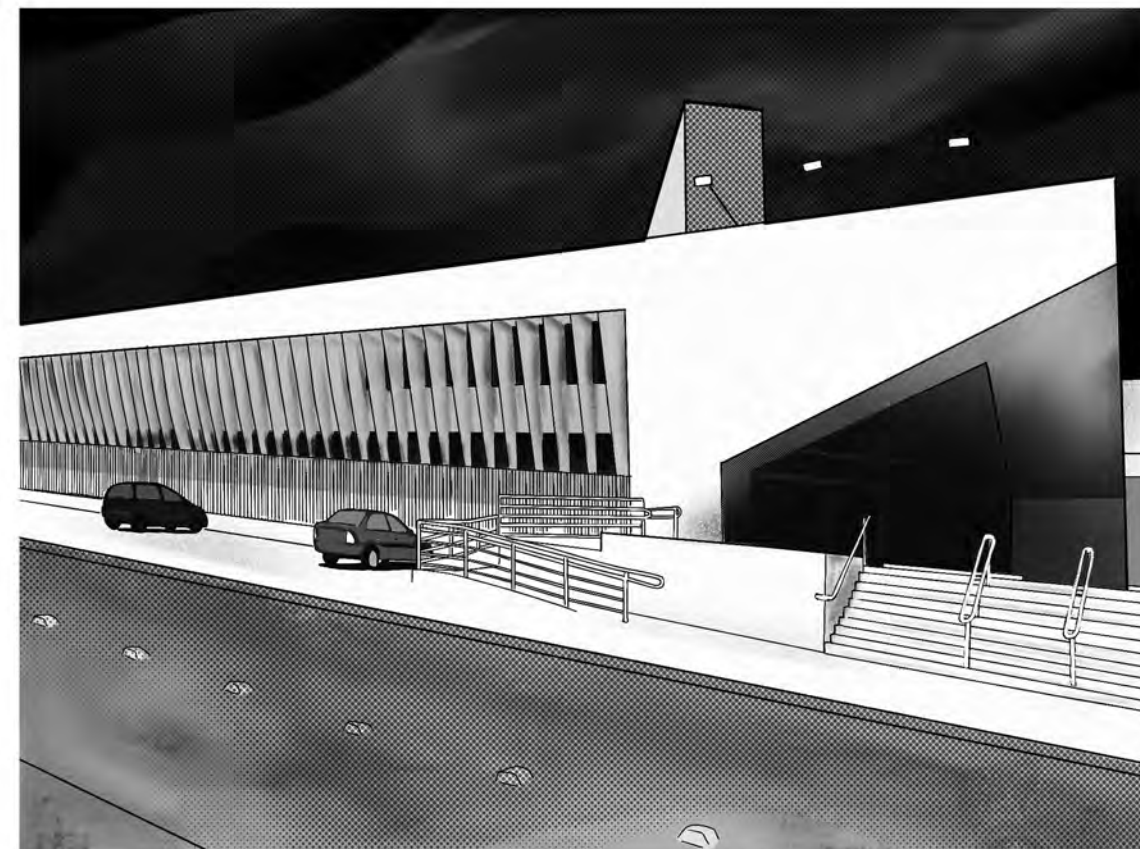
Atravessando diferentes gerações, tais criaturas sempre foram protagonistas genuínas da história do bairro, seja expressando aspectos de sua religiosidade, adaptando-se à sua geografia, representando conflitos entre bairro e centro, ou conferindo outras nuances às vidas de sujeitos solitários, marginalizados e errantes que já percorreram, e ainda percorrem, suas ruas.

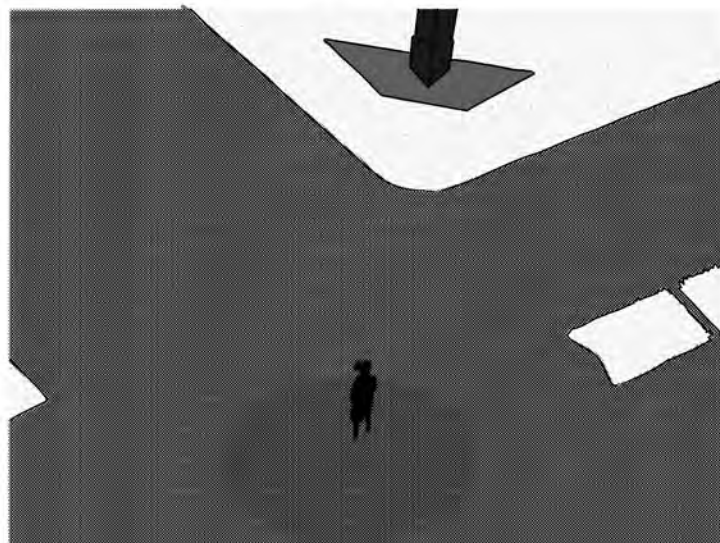
A história a seguir busca construir uma representação ficcional do tema, que agregue em uma única narrativa suas mais diversas manifestações na memória e cultura do bairro. Mas não abdica da oportunidade de “aumentar um ponto”, recorrendo à própria imaginação a fim de dar resposta ao mistério que passou a assombrar as mentes dos autores desde seus primeiros

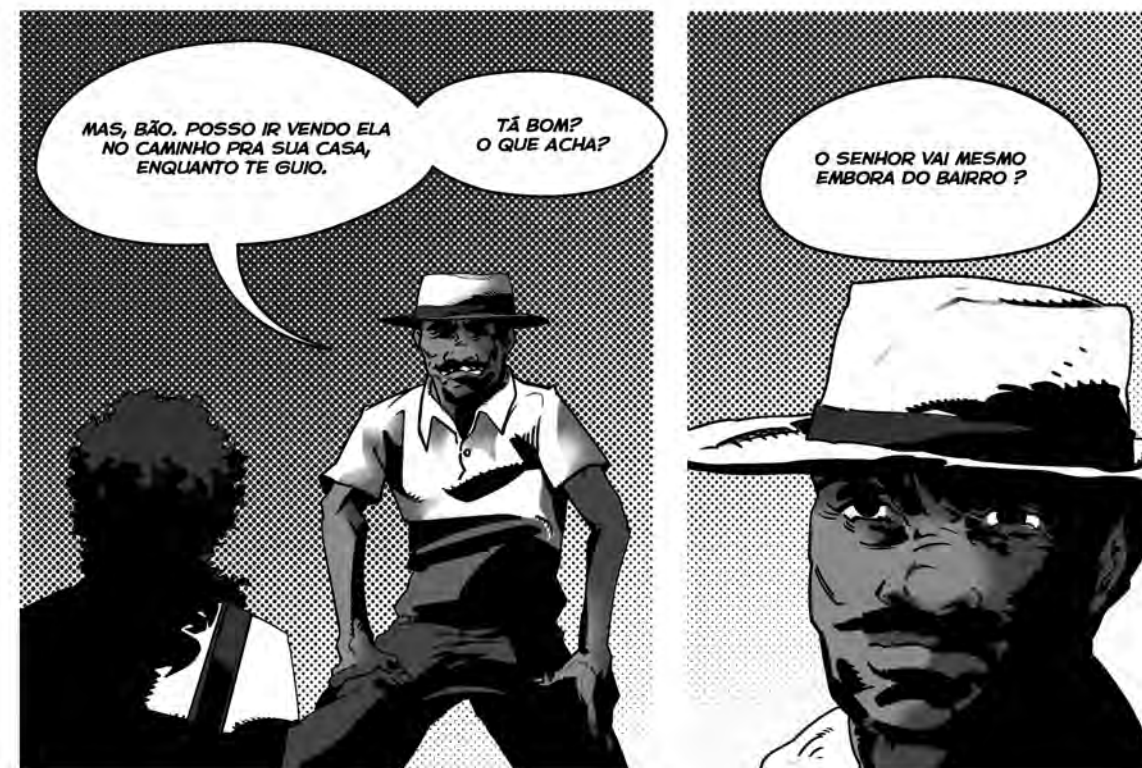
contatos com o assunto para a produção da HQ: por onde andarão, afinal, os lobisomens que sempre povoaram o bairro Patrimônio?

Para a realização deste capítulo, foram de imenso valor os depoimentos orais prestados por Gilberto Maciel, historiador, artista visual e exímio narrador das memórias do bairro.

Audiodescrição











FOI LÁ ATRÁS, O PRIMEIRO DE TODOS, DAS FAMÍLIAS MAIS ANTIGAS QUE AQUI CHEGARAM, NO COMEÇINHO DO BAIRRO. ELE, QUANDO "VIRAVA", ERA O MAIS FERÓZ E CARNICEIRO, NÃO TINHA QUEM DOMAVA. GENTE DAQUI PENSAVA, QUANDO ERA QUARESMA, QUE ELE SAÍA CAÇANDO MULHER GRÁVIDA E BEBÊ QUE NÃO FOSSE BATIZADO, ERA NADA! NEM CATÓLICO ELE ERA. TINHA PERIGO QUANDO ERA LUA CHEIA, NÃO GOSTAVA DE SER VISTO... SE VISSSE, AI DE QUEM!

"ELE ERA... TIPO UM LOBISOMEM?"

HUM, "LOBISOMEM", SIM, MAS NÃO COMO NOS FILMES. ERA PROTETOR DE UNS, MAS OUTROS, ELE VINGAVA: JÁ FOI DITO QUE ATORMENTOU E PERSEGUIU PRO RESTO DA VIDA AS FAMÍLIAS DO DELEGADO E DOS BATE-PAUS QUE TRAMARAM A MORTE DO VELHO JOAQUIM, O "CRIÓULO". ISSO FOI EM 1886. MAS DEPOIS DISSO, AINDA SE OUVIU FALAR DELE POR AÍ, NO BAIRRO, COISA DE MAIS DE UNS TRINTA ANOS...

E ENTÃO, O QUE NÃO SE PREVIA: VEIO O SEGUNDO. MENINO QUE PERDEU A MÃE, DISSERAM; VIDINHA TRISTE, SÓ OS DOIS. NOITE QUE ELA MORREU, QUINTA-FEIRA QUALQUER, FOI PRA RUA, ESCAPULIU. DORMIU COM OS VIRA-LATAS, FEITO! DESANDOU A VIRAR UM CACHORRÃO, DOS MAIS FEIOS E ENORMES - SEMPRE EM NOITES DE QUINTA, E ATÉ FICAR ADULTO, SEM VOLTA.

"E POR ACASO, ELE MORDIA NAS PESSOAS?"

ATACAVA! MAIS PELA OUTRA MARGEM DO CÔRREGO, DE LÁ DA PONTE. MADAME QUE MORAVA SOZINHA NUMA CASA SINISTRA, NA SUBIDA PRO CENTRO, UMA NOITE OLHOU BEM NELE E OFERECEU, QUEM É QUE IMAGINAVA? SAL. DIA SEGUINTE, VEM ELE BUSCAR, NA FORMA DE HOMEM, E PRONTO! ELA DESCOBRIU, ASSIM, QUEM ELE ERA...

CAIU EM CHANTAGEM. FICOU SENDO O CACHORRÃO DE GUARDA DELA: SEMPRE NA FRENTE DA PONTE, IMPEDINDO QUEM SUBISSE DE NOITE PRA CIDADE. ELES, NA CIDADE, NÃO GOSTAVAM QUE O POVO DOS PÉ VERMELHO, AQUI DO PATRIMÔNIO, SUBISSE. MAS FOSSE NOITE OU DIA, COM OU SEM ASSOMBRAÇÃO, O POVO SEMPRE SUBIA. AH, SUBIA!

VIERAM, ENTÃO, OS ANOS 40, E JUNTO DELES O DE NÚMERO TRÊS. CATÓLICO BATIZADO. NOITE DE QUARESMA, FOGE DE CASA, O PAI BEBIA. DESCAMBA LIGEIRO LÁ PRA CIMA, PRO CRUZEIRO, E DÁ SETE VOLTAS AO REDOR DELE, BLASFEMANDO: ERA A LUA CHEIA EM RIBA! O TREM PEGOU FEITO NELE. ERA SEMPRE LÁ NO CRUZEIRO, ONDE ELE IA E VIRAVA. CACHORRADA DO BAIRRO, QUANDO SAÍA, IAM ACUANDO, PERSEGUINDO ELE; CHEGAVA NO CRUZEIRO, DAVA AS SETE VOLTAS. DESCIA JÁ VIRADO BATENDO TUDO NOS BICHO... UIVAVAM QUE NEM DOIDO A NOITE INTEIRINHA...

"E NINGUÉM NUNCA SAIU PRA AJUDAR OS CÃES?"

AH, TINHA MEDO, O POVO. IMAGINA ISSO, ASSIM: NUMA SEMANA SANTA A DONA TARSILA, MÃE DO MESTRE BOLINHO, INCOMODADA, ABRE A JANELA PRA OLHAR. CAI DESMAIADA, DEIXANDO OS FILHOS TUDO MALUCO! NO OUTRO DIA, FALA DUMA COISA MUITO FEIA E ESQUISITA DIZENDO PRA ELA "Ô NEGA, QUE CÊ TÁ OLHANDO, CÊ TEM ALGUMA COISA COM A MINHA VIDA?"



MAS COM A ILUMINAÇÃO ELÉTRICA, FICOU MAIS DIFÍCIL, PROS QUE TINHAM O TALENTO, AS CRIATURAS. DEVAGAR, FORAM PARANDO DE SER VISTOS PELO BAIRRO. O GUSTO, A NOITE QUE SAÍA, SABOTAVA A LUZ DA RUA E DAS CASAS, ERA AQUELE APAGÃO. UM DIA TENTOU DAR FIM NO ENCANTO, FERINDO A SI MESMO COM O TAL FERRO. FUNCIONOU, MAS DEIXOU ELE AINDA MAIS DOENTE, E NÃO DEMOROU, ELE MORREU.

"COITADO..."

E O COLEGA ANDARILHO DELE, O DU? ESSE, QUANDO VIU ELE A PRIMEIRA VEZ, OS OLHOS ESTUFARAM, OS DOIS, PRA FORA. E ASSIM FICOU DE VEZ! VAGAVA SOZINHO, SEMPRE DE MADRUGADA, IA POR AÍ PROCURANDO O GUSTO. POVO NÃO SABIA, E IMAGINAVA QUE ELE VIRASSE O LOBISOMEM, HA, HA, HA! VIROU, MAS FOI O AMIGO DO LOBISOMEM...

"GRACINHA", ELES. MAS TEM OUTRO LOBISOMEM, NÃO TEM? O SENHOR DISSE QUE ERAM SEIS...

TEM, CLARO... O QUE VEIO POR ÚLTIMO, DEPOIS.

ESSE ERA O FILHO, O ÓRFÃO QUE O DA LAGOINHA DEIXOU QUANDO SE AFOGOU, SETE ANOS ANTES. ÚNICO QUE TEVE O TALENTO DE FAMÍLIA, MAS O TREM SÓ FOI PEGAR NELE DEPOIS DO QUADRAGÉSIMO ANIVERSÁRIO. SÓ DEPOIS QUE MORREU O SEU GUSTO.

MAS POBRE DESSE AÍ, NÃO TEVE CHANCE DE VERDADE. DOS ANOS 80 PRA FRENTE, O POVO AQUI DO BAIRRO SÓ QUERIA SABER DE ASSOMBRANÇA E LOBISOMEM ERA NA TELEVISÃO, NOS FILMES, FICOU VELHO E SEM FORÇA PRA VIRAR, SABE?

SEI... E ELE TAMBÉM JÁ MORREU ?

NÃO, NÃO, SÓ SE APOSENTOU, E POR FIM DECIDIU MUDAR DO BAIRRO.

MAS DAÍ, ESSE FOI O ÚLTIMO?

ACABARAM AS HISTÓRIAS?

PENSO QUE SIM. CHEGAMOS NA SUA CASA, NÃO? CUMPRI O QUE PROMETI.





Saiba mais



Gentrificação

Lucas Esteves Leandro

A narrativa de cidade progressista frequentemente mascara interesses privados que, apoiados pelo poder público, geram processos agudos na sociedade, tais como a gentrificação.

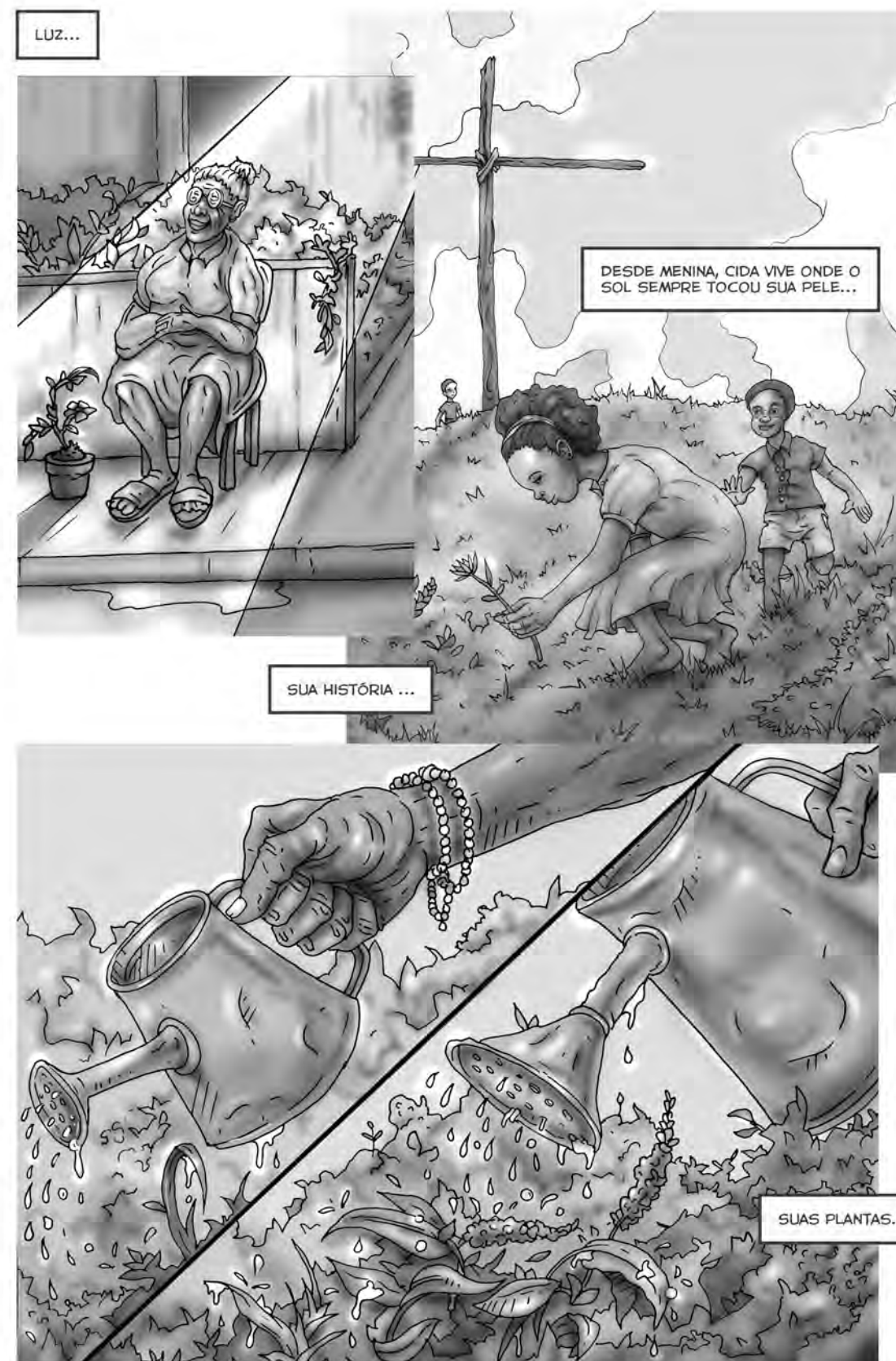
O termo, criado pela socióloga inglesa Ruth Glass em 1964, descreve a ocupação de bairros populares por classes de maior renda, levando à valorização imobiliária e expulsão dos moradores originais, o que altera o caráter social do local por remoções forçadas e apagamento cultural. Em Uberlândia, o bairro Patrimônio exemplifica esse fenômeno. Área de risco habitada majoritariamente por população negra e pobre, o bairro passou por uma drástica transformação a partir da década de 1990.

A paisagem foi tomada por edifícios verticais, grandes obras viárias e comércios voltados para a classe média, inibindo as manifestações culturais de antes. A reação dos moradores é dividida: alguns celebram a valorização de seus imóveis, enquanto outros lamentam a rápida descaracterização social e arquitetônica. Essa divisão atua como uma “cortina de fumaça” que beneficia a especulação imobiliária e os novos empreendimentos.

Enquanto os moradores debatem, os empreendedores avançam na reorganização do território, chegando a apresentar propostas assustadoras como mudanças no nome do bairro e de ruas. Uma forma de apagamento cultural pela consolidação do processo de expulsão dos nativos, em uma disputa desigual por um ideal de cidade “organizada e tecnológica”.

O caso do Patrimônio revela que a gentrificação é, acima de tudo, um processo de disputa territorial impulsionado pelos interesses do capital com aval público, que transforma o espaço urbano e as pessoas em mercadoria. Refletir sobre isso é crucial para construir cidades que valorizem não apenas o investimento, mas também os seres humanos, suas memórias e identidades.

Audiodescrição



A LUZ ERA MEMÓRIA.



ERA CALOR...

ERA PRESENÇA.



CAMINHÕES DE OBRA CHEGANDO.

HOMENS ENGRAVATADOS.



PÓ E RUÍDO.

FIZERAM UMA PROPOSTA
BOA DEMAIS, CIDA...

CASAS VIZINHAS À VENDA

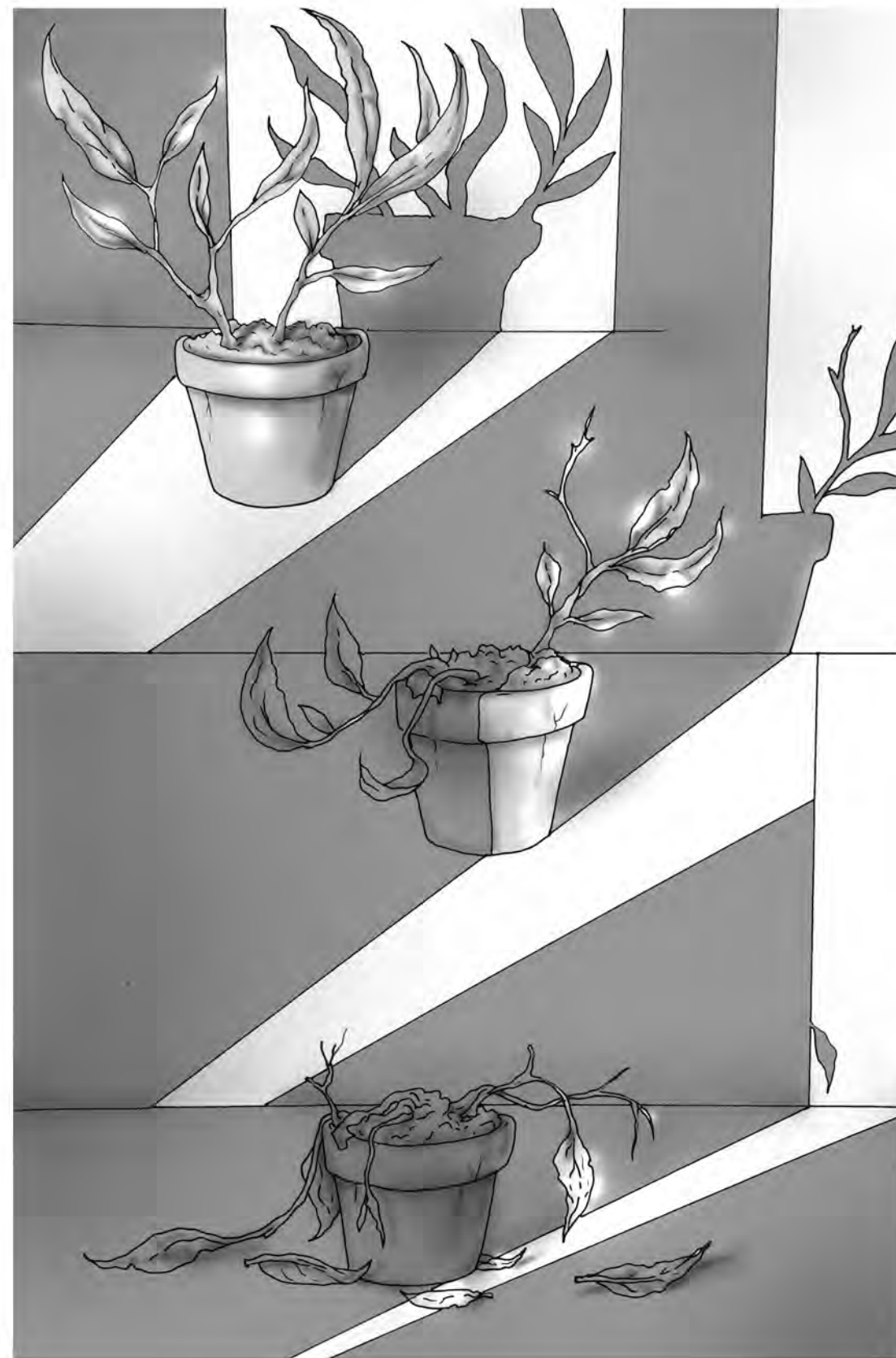
DEMOLIÇÃO DAS
MEMÓRIAS.

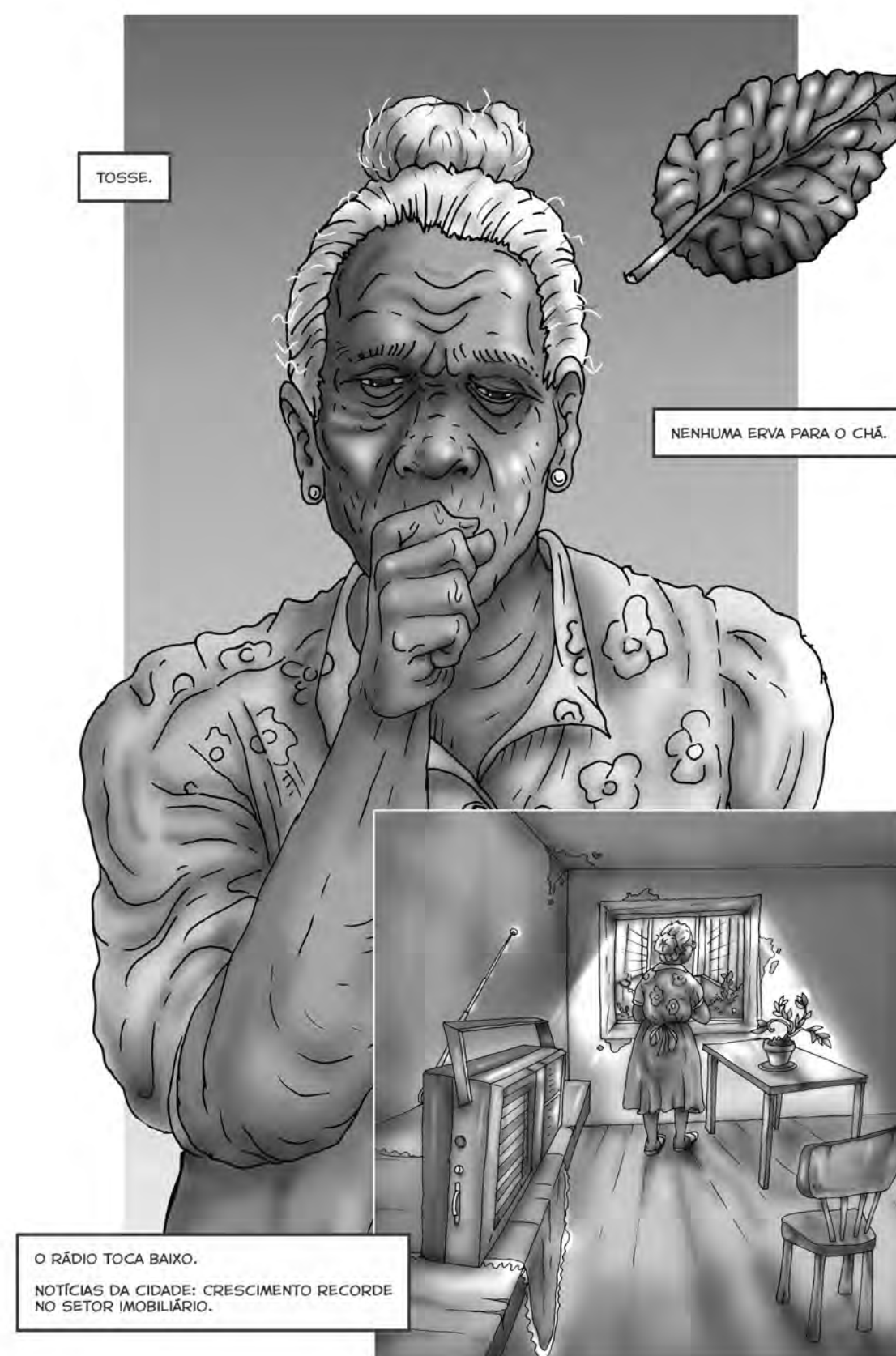
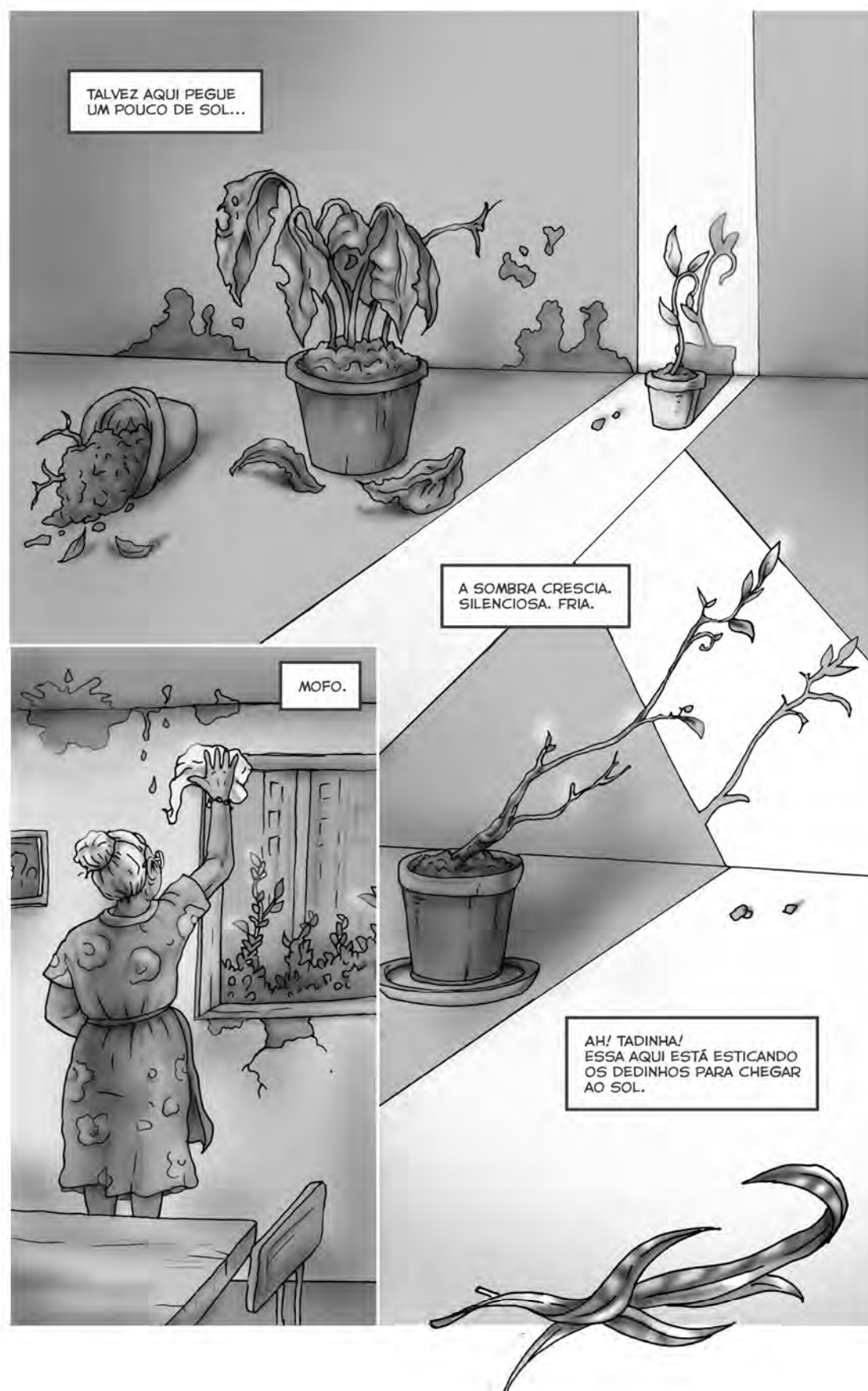


A CIDADE CRESCIA.

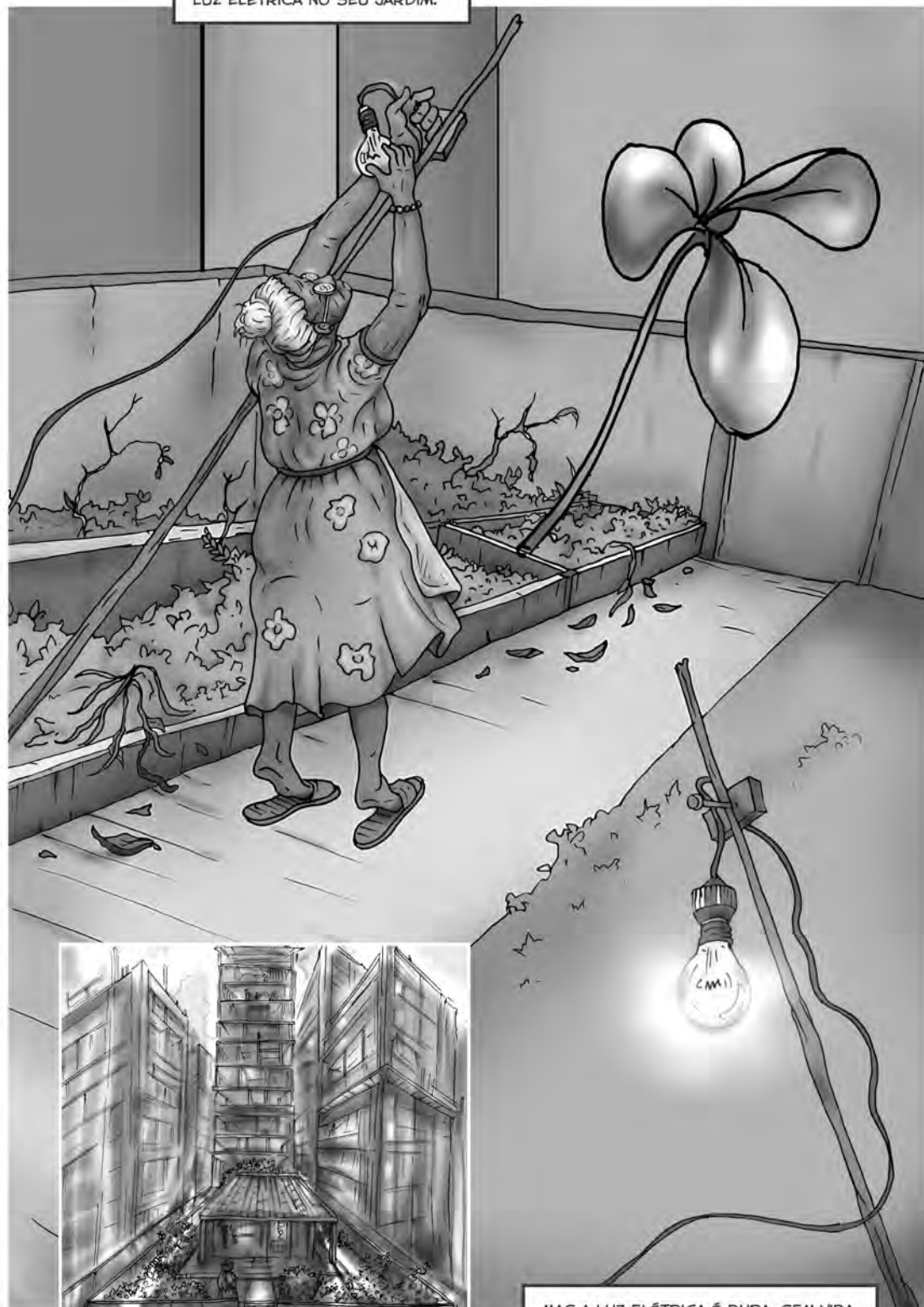


MAS NÃO ERA PARA TODOS.





DONA CIDA TENTA ACENDER UMA
LUZ ELÉTRICA NO SEU JARDIM.

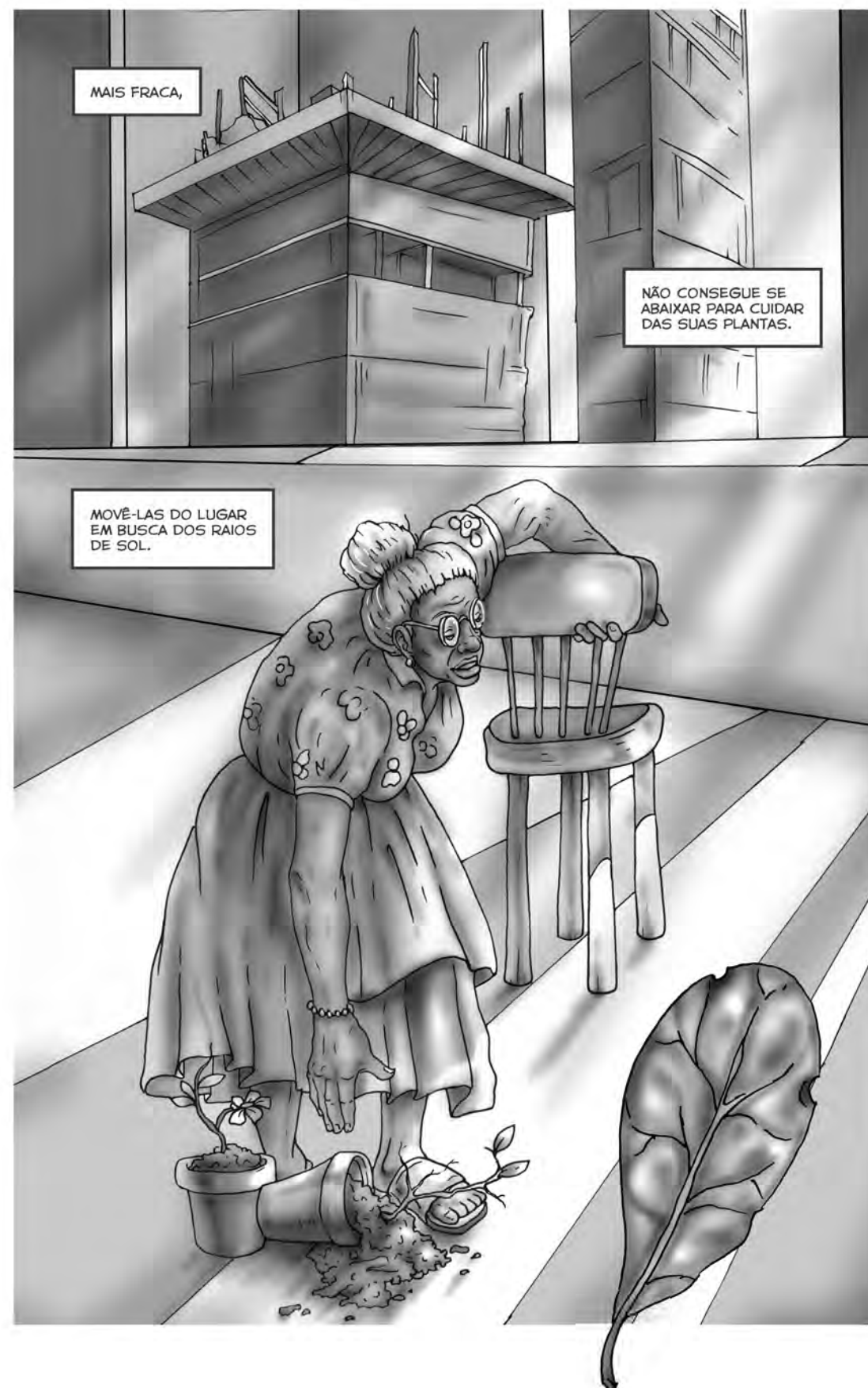


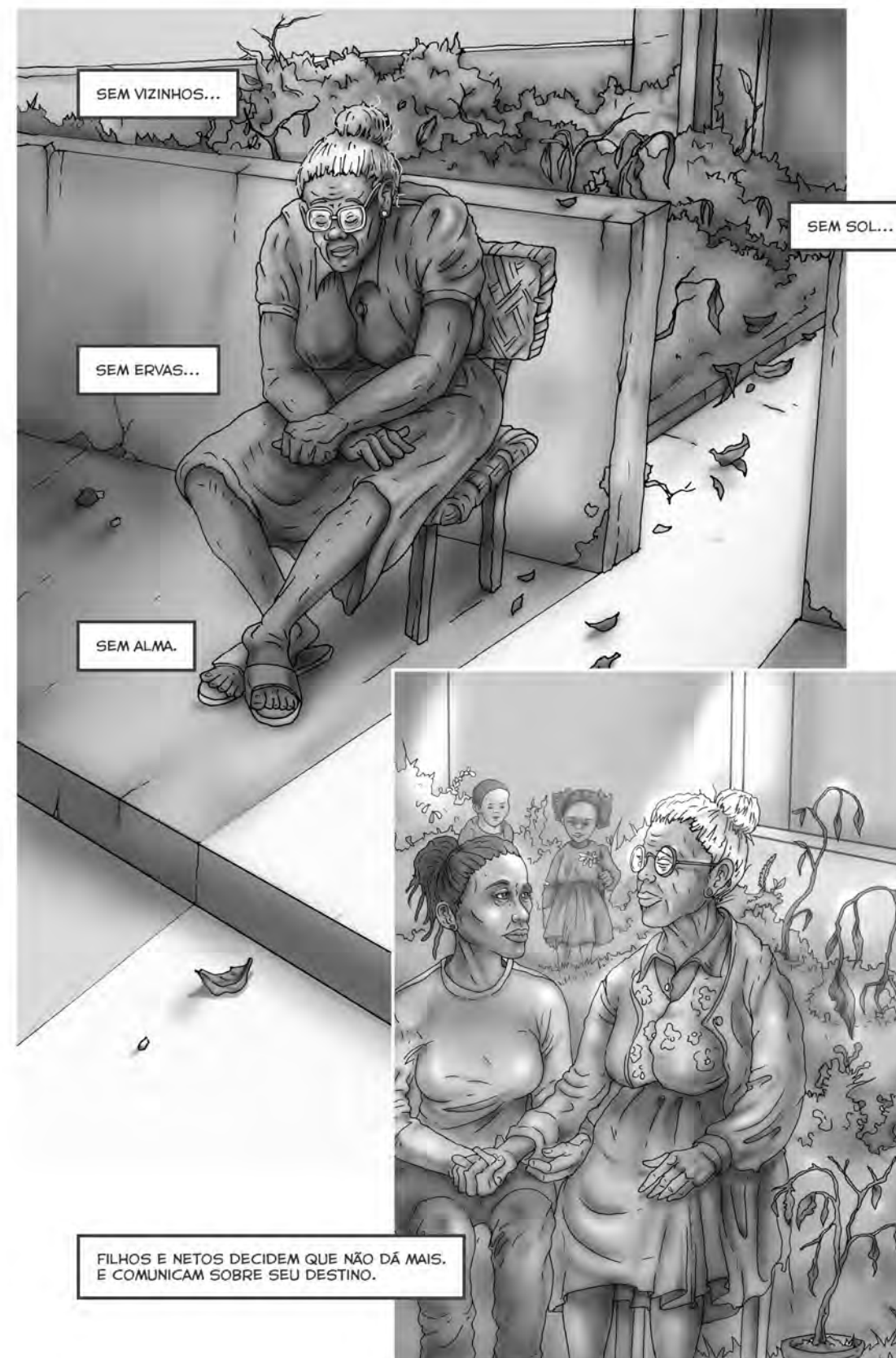
MAS A LUZ ELÉTRICA É DURA, SEM VIDA.

MAIS FRACA,

NÃO CONSEGUE SE
ABAIXAR PARA CUIDAR
DAS SUAS PLANTAS.

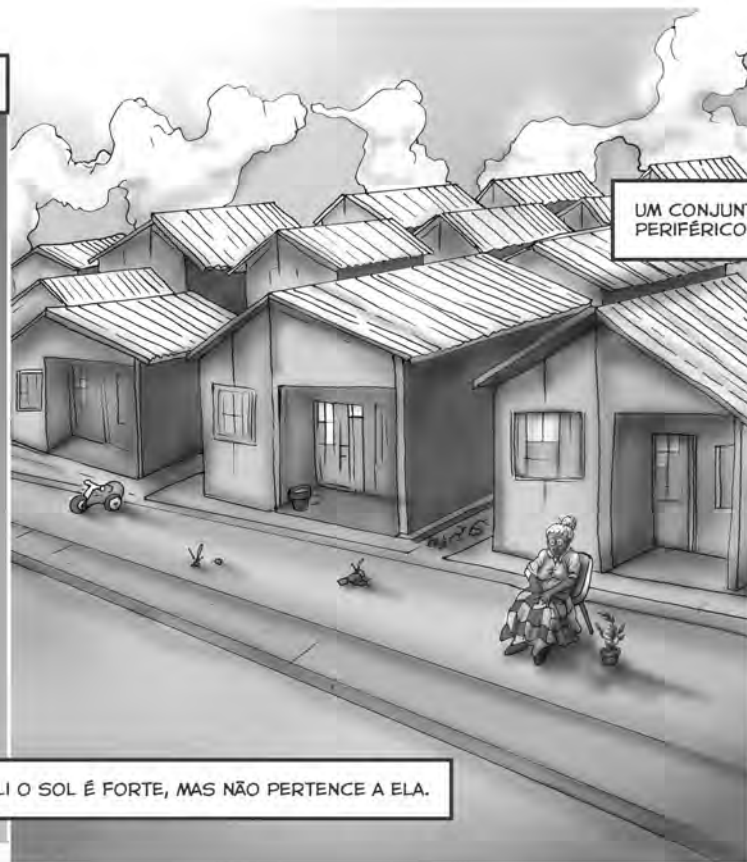
MOVÊ-LAS DO LUGAR
EM BUSCA DOS RAIOS
DE SOL.







SEU DESTINO,



UM CONJUNTO HABITACIONAL
PERIFÉRICO.

ALI O SOL É FORTE, MAS NÃO PERTENCE A ELA.



ONDE ERA SEU ANTIGO LAR,
AGORA O CANTEIRO É OUTRO.

CANTEIRO DE OBRAS
DE MAIS UMA TORRE.

NA SUA ANTIGA CALÇADA,
UM BROTO ROMPE O SOLO.

A LUZ VOLTA. NEM QUE
SEJA POR UMA FRESTA.

E ONDE HÁ RAIZ...
SEMPRE HAVERÁ RECOMEÇO.

Saiba mais



Apagamento histórico

Rafael Leôncio Viana

O acelerado processo de gentrificação no bairro Patrimônio preocupa quem deseja preservar sua história. O reordenamento territorial alterou suas características, que passaram da simplicidade para a sofisticação, descaracterizando e fragmentando sua identidade comunitária, o que dificulta a manutenção das memórias locais.

Ainda resistem na memória afetiva dos remanescentes – hoje 5% dos moradores de 30 anos atrás – imagens das ruas estreitas de terra, das fachadas das casas simples e da liberdade de brincar descalço, comer frutas nos quintais e banhar-se no rio Uberabinha ou na lagoa do córrego Lagoinha. Hoje, ribeirão e lagoa foram cobertos pelo asfalto, e o acesso ao rio foi bloqueado por grandes empreendimentos.

O caso do bairro Patrimônio convida a uma reflexão mais ampla sobre os rumos da urbanização de Uberlândia, de outras tantas cidades brasileiras e o papel das políticas públicas na mediação entre capital e coletividade. Reconhecer a gentrificação como disputa territorial e simbólica é essencial para repensar o modelo de cidade que se pretende construir: precisamos de cidades que valorizem não apenas a estética e o investimento, mas, sobretudo, as pessoas, as memórias e as culturas que lhes conferem vida e identidade.

Audiodescrição











SOMOS O BERÇO DESSA CIDADE.



ESSES SONS...



ESSAS RISADAS...



ESSAS PESSOAS...



TUDO ISSO...



SÃO NOSSAS HISTÓRIAS,

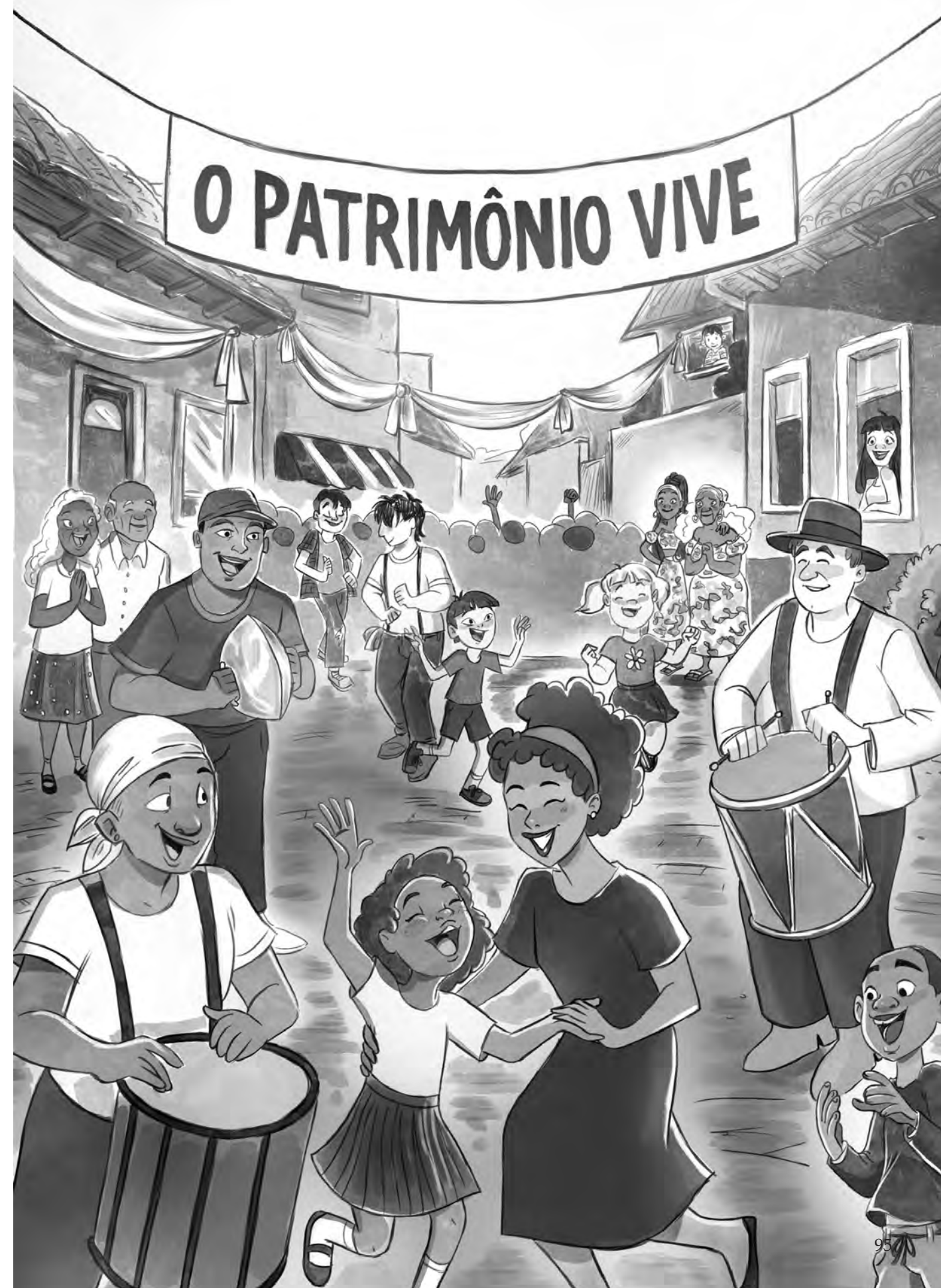


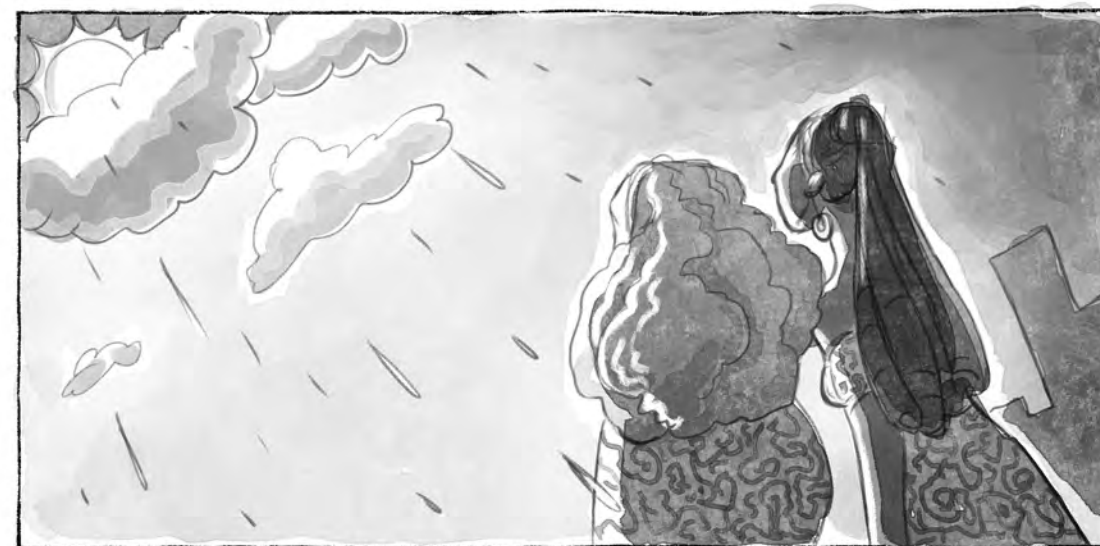
NOSSOS MOMENTOS,



NOSSAS MEMÓRIAS.









Saiba mais



Autores



Fabi Moraes

Graduanda em Artes Visuais pela Universidade Federal de Uberlândia. Ilustradora com foco em livros infantis. E-mail: fabii_mo@hotmail.com

João Aires

Graduando em Artes Visuais pela Universidade Federal de Uberlândia. Quadrinista e Ilustrador em boa parte do tempo. E-mail: joapedroairessilva@gmail.com



Lucas Esteves Leandro (Milu)

Graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Uberlândia. É ilustrador, desenhista, gravurista, escultor, quadrinista e professor de arte. E-mail: lucasestevesleandro@gmail.com



Getúlio Ribeiro

Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor no Colégio de Aplicação (CAP) da UFU. Escritor e roteirista de histórias em quadrinhos, autor da graphic novel *Enxurrada* (2024). E-mail: getulioescreve@icloud.com



Rafael Viana

Graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Uberlândia. É ilustrador de livros e designer de personagens. E-mail: rafaelvianaart@gmail.com

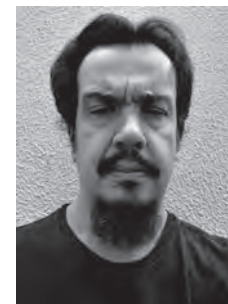
Luiz Rogério Rodrigues

Mestrado em Educação pela Universidade de Uberaba, graduado em Administração Pública pela Uniderp. É servidor público na Universidade Federal de Uberlândia, produtor cultural, jornalista e pesquisador na área de História e Educação com ênfase em criação de roteiros para HQ's. E-mail: rogerio.ufu68@gmail.com



João Agreli

Graduado em Design Gráfico pela Universidade Estadual de Londrina, com doutorado em Arte pela Universidade de Brasília. É professor do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia. Tem como uma de suas atuações na universidade a criação de HQ's independentes e de divulgação científica. E-mail: agreli@gmail.com



Audiodescrição



Referências

ANDREWS, George Reid. O protesto político negro em São Paulo – 1888-1988. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 27-48, dez. 1991, p. 27-48, ago. 2025.

ASSIS, Ivone Gomes de; MACIEL, Gilberto. *O povo do pé vermelho*. Uberlândia (MG): Assis Editora, 2017.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

BRASILEIRO, Jeremias. *1959 – Congadas de Minas Gerais*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2001.

BRASILEIRO, Jeremias (Org.). *Raízes, fundamentos, tradições*. Uberlândia: Subsolo, 2022.

CAVALLEIRO, Eliane. *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais*. Brasília: Secad, 2006.

DOMINGUES, Petrônio. Um “templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. *Revista Brasileira de Educação*. Universidade Federal de Sergipe, v. 13, n. 39, set./dez. 2008.

FILICE, Renísia Cristina Garcia; JESUS, Leandro S. B.; LIMA, Redy W.; BARROS, Miguel (Orgs.). *Tecendo Redes Antirracistas III: entre resistências e emancipações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2024. v. 3.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Educação “bancária” e educação libertadora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GLASS, Ruth. *London: Aspects of Change*. London: MacGibbon & Kee, 1964.

LIMA, Glaura Teixeira Nogueira; MORI, Robert. Caiapós, Araxás, Bororós, Geralistas... Conflitos revelados, identidades e memórias construídas no Sertão da Farinha Podre nos séculos XVIII e XIX. *Revista Caminhos da História*, v. 17, n. 1/2, 2012. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/caminhosdahistoria/article/view/3275>. Acesso em: 20 nov. 2025.

LOPES, Valéria Maria Queiroz Cavalcante. *Caminhos e trilhas: transformações e apropriações da cidade de Uberlândia (1950-1980)*. Arquivo Público de Uberlândia. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de História – Universidade Federal de Uberlândia, 2002.

LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. *Bairro Patrimônio: salgadores e moçambiqueiros*. Monografia, Secretária Municipal de Cultura, Uberlândia, 1986.

LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. Triângulo Mineiro: uma fronteira na colônia e no Império. In: *A oeste das minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista Triângulo Mineiro (1750-1861)*. Uberlândia: Edufu, 2005, p. 95-169.

OLIVEIRA, Júlio Cesar de. *Ontem ao luar: o cotidiano boêmio da cidade de Uberlândia (MG) nas décadas de 1940 a 1960*. Uberlândia: Edufu, 2012.

OLIVEIRA, Selmane Felipe de. *Crescimento urbano & ideologia burguesa: estudo do desenvolvimento capitalista em cidades de médio porte: Uberlândia (1950-1985)*. Uberlândia: Rápida Editora, 2002.

PORTAL DA CLOSE. Capitão Charqueada: um ancião cheio de vida. Programa Uberlândia de Ontem e Sempre, ed. 422, 9 nov. 2013.

RODRIGUES, Luiz Rogério, João Agreli (organizadores). *Patrimônio: histórias de um bairro em quadrinhos*. Uberlândia: Edufu, 2024.

SILVA, Leocídio da. RODRIGUES, Luiz Rogério. Documentário. Contação de história do bairro Patrimônio, 20.16. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lo6qSfEE&t=133s>. Acesso: 10 set. 2024.

TRAVENÇOLO, Thalita Asperti. *Entre o material e o imaterial: a preservação cultural do Bairro Patrimônio*. 2024. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5523>. Acesso: 20 jul. 2025.

Audiodescrição





Audiodescrição



INCENTIVO



PMIC
PROGRAMA MUNICIPAL DE
INCENTIVO À CULTURA



FAU



Audiodescrição



9 788564 554931